

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Instituto Paulo Freire

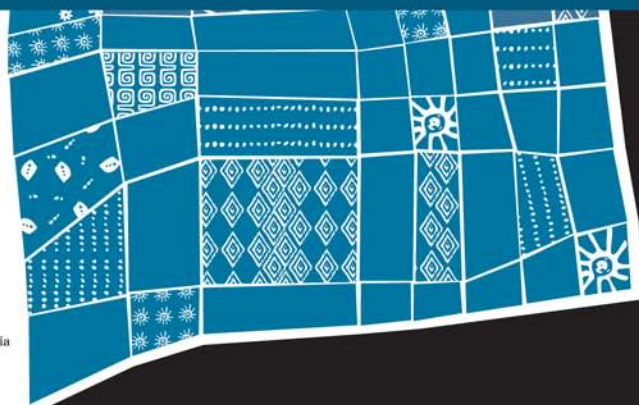


1
CADERNOS DE FORMAÇÃO

40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido

Ed,L

Editora e Livraria
Instituto
Paulo Freire



nada ficar desta
esperamos que p
no povo. Noss
um novo mon
amar.

Santiago
Primavera
68.

40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido

EXPEDIENTE

Instituto Paulo Freire

Moacir Gadotti

Presidente do Conselho Deliberativo

Alexandre Munck

Diretor Administrativo-Financeiro

Ângela Antunes

Diretora Pedagógica

Paulo Roberto Padilha

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Saete Valesan Camba

Diretora de Relações Institucionais

Janaina Abreu — Coordenadora Editorial

Lina Rosa — Preparadora de Textos

Maurício Ayer — Revisão

Dulce Ferreira Pedreira — Digitação

Kollontai Diniz — Capa, projeto gráfico,
diagramação e arte-final

Brasilgrafia Gráfica e Editora — Impressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido / Moacir
Gadotti, (org.). — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire,
2008 — (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 1)

Vários autores.

ISBN 978-85-61910-02-0

1. Educação – Filosofia 2. Freire, Paulo, 1921-1997 – Crítica e
interpretação 3. Freire, Paulo, 1921-1997 – Pedagogia do oprimido
4. Sociologia educacional I. Gadotti, Moacir. II. Série

08-08932

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educadores brasileiros : Apreciação crítica 370.1

Copyright 2008 © Editora e Livraria Instituto Paulo Freire

Editora e Livraria Instituto Paulo Freire

Rua Cerro Corá, 550 | Lj. 01 | 05061-100 | São Paulo | SP | Brasil

T: 11 3021 1168 | editora@paulofreire.org | livraria@paulofreire.org

www.paulofreire.org

*Se nada ficar destas páginas, algo, pelo me-
nos, esperamos que permaneça: nossa con-
fiança no povo. Nossa fé nos homens, na cria-
ção de um novo mundo em que seja menos
difícil amar.*

*Santiago
Primavera
68.*

Paulo

*Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no
povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.*

Paulo Freire, final dos manuscritos da *Pedagogia do oprimido*.

In memoriam Carlos Nuñez, Orlando Fals Borda,
João Francisco de Souza e José Carlos Barreto.

Sumário

Apresentação	09
---------------------------	----

1. Reiventando Paulo Freire 40 anos depois	10
Carlos Alberto Torres	
2. Opção radical pelo oprimido	11
José Eustáquio Romão	
3. Fecundou toda uma geração de jovens	12
Rosa Maria Torres	
4. Uma obra histórica e profética	12
Pedro de Carvalho Pontual	
5. Repensar suas idéias num novo contexto	12
Sérgio Haddad	
6. Vida maiúscula	13
Mário Sérgio Cortella	
7. Uma convocação para um mundo mais humano	13
Ana Maria Saul	
8. A força que vem do exílio	14
Alípio Casali	
9. Aos que não se renderam à ideologia fatalista	14
Sílvia Maria Manfredi	
10. Uma maneira de construir pedagogia	15
Danilo R. Streck	
11. <i>Pedagogia do oprimido</i> e Teologia da Libertação	16
Leonardo Boff	
12. <i>Pedagogia do oprimido</i> e psicanálise social	17
Miguel Escobar	
13. Três dimensões do pensamento freiriano	18
Eliete Santiago	
14. Concepção dialética da educação	18
Florêncio Varela	



Sumário

40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido

15.	<i>Pedagogia do oprimido: escolha, compromisso e luta</i>	19
	Ângela Antunes	
16.	Porque nos inspiramos em Paulo Freire.....	20
	Paulo Roberto Padilha	
17.	Dodiscente.....	21
	Adriano Nogueira	
18.	Encontros para descolonizar o saber e o poder.....	21
	Reinaldo M. Fleury	
19.	Analfabetismo e sociedade do conhecimento.....	23
	Ladislau Dowbor	
20.	A alfabetização como alegoria de outras políticas.....	23
	Célia Linhares	
21.	Ler o mundo dos oprimidos e combater a opressão.....	24
	Maria Leila Alves	
22.	Alimento da luta pela beleza e pela justiça.....	25
	Elydio dos Santos Neto	
23.	Liberdade.....	26
	Celso Vasconcellos	
24.	Libertação.....	26
	Antônio João Mânfió	
25.	Presença de Paulo Freire no sindicalismo docente.....	27
	Ana Maria do Vale	
26.	Ferramentas que abrem novas veredas.....	28
	Luiz Eduardo Wanderley	
27.	A descoberta do inédito possível.....	28
	Maria Stela Santos Graciani	

Sumário

40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido

28.	U.S. Peace Corps.....	29
	Peter Lownds	
29.	Passagem por Harward.....	30
	Benno Sander	
30.	Alerta de lucidez política.....	30
	Luiza Cortesão	
31.	Paulo Freire, mahatma das democracias.....	31
	Madalena Mendes	
32.	Paulo Freire e um momento de poesia.....	32
	Carlos Rodrigues Brandão	
33.	Estar sempre pronto para partir... ..	35
	Rubem Alves	
34.	Pensar o sentido da existência.....	36
	Nadia D.R. Silveira	
35.	A razão dos monstros produz sonhos.....	36
	Pep Aparicio Guadas	
36.	Comunicação e cultura.....	37
	Venício A. de Lima	
37.	Uma revolução copernica em matéria educativa.....	37
	Frei Betto	
38.	Educação popular e movimentos sociais.....	38
	Salette Valesan Camba	
39.	Continuar e reinventar Freire.....	39
	Afonso Celso Scocuglia	
40.	O livro que não terminou.....	40
	Jason Mafra	

Apresentação

Este primeiro Caderno de Formação é muito especial pelo seu caráter simbólico. Está sendo publicado no contexto de realização do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, em São Paulo, em setembro de 2008, numa parceria entre o Instituto Paulo Freire e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, envolvendo a Cátedra Paulo Freire, a Faculdade de Educação, o Núcleo de Trabalhos Comunitários e a TV-PUC.

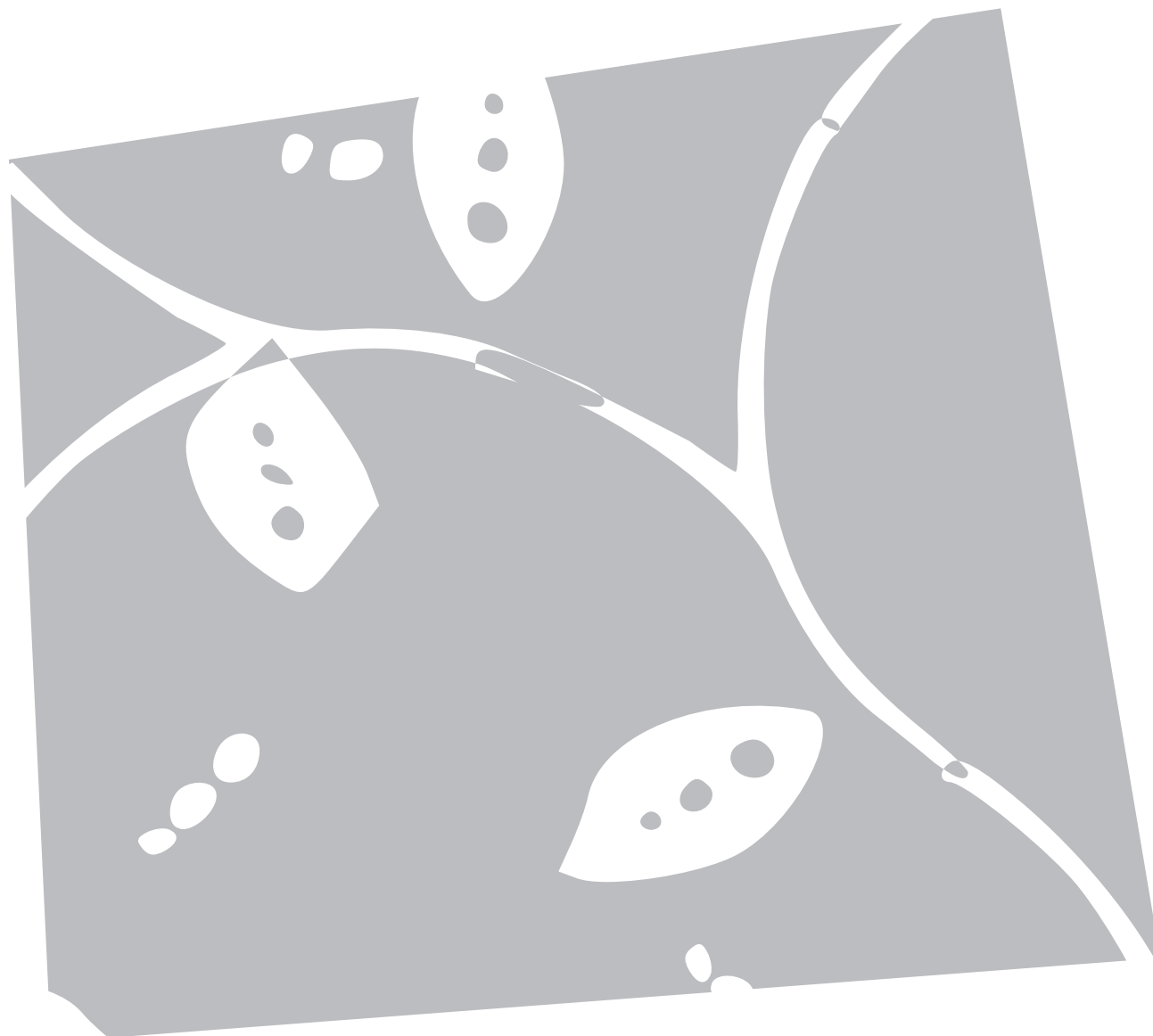
A motivação inicial de sua publicação está relacionada ao tema central do Fórum Paulo Freire — 40 anos da *Pedagogia do oprimido* — e ao desejo de entregar aos participantes reflexões sobre aspectos centrais dessa obra sob diferentes pontos de vista, como forma de contribuição aos diálogos em torno da temática eleita neste encontro internacional. Outra razão que motivou a sua elaboração foi o desejo de oferecer um material de formação a educadores e educadoras.

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará 40 olhares sobre os 40 anos da *Pedagogia do oprimido*. Diversos autores e autoras disponibilizaram seus textos, análises, reflexões e considerações sobre a obra magna de Paulo Freire, contribuindo, assim, nesta publicação que visa a oferecer pontos para diálogos na formação dos trabalhadores e das trabalhadoras em educação e de todos que vêem a educação como um direito humano fundamental, como prática da liberdade e da emancipação. No processo de edição, tomamos a liberdade de fazer pequenas alterações nos textos, sem prejuízo de seu conteúdo, para melhor adequá-los aos objetivos desta publicação.

Neste ano de 2008, quando se comemoram os 40 anos de *Pedagogia do oprimido* e os 10 anos do I Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, o Instituto Paulo Freire, com alegria e esperança, inaugura sua própria editora e livraria. O principal objetivo é publicar obras que atendam às necessidades do educador, seja ele da educação formal, informal ou não formal.

Nosso esforço será o de identificar, valorizar, viabilizar a divulgação, o compartilhamento, a construção coletiva de conhecimentos e saberes comprometidos com *um outro mundo possível*, que vem se revelando por meio de pesquisas, reflexões, práticas de autores nacionais e internacionais, que fortalecem a educação de qualidade sociocultural, socioambiental e a cidadania planetária. Publicações que tragam questões atuais e contextualizadas na vida cotidiana do educador, proporcionando compreensão mais aprofundada das suas *situações-limite* e fortalecendo caminhos presentes nos *inéditos viáveis* que vêm sendo vislumbrados. Entre essas publicações estão os Cadernos de Formação, que inauguramos agora com *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*.

Moacir Gadotti (org.)
Instituto Paulo Freire



1. Reinventando Paulo Freire 40 anos depois

Estamos celebrando 40 anos da publicação da *Pedagogia do oprimido*. Intelectuais e militantes inspirados na visão de Paulo Freire nunca deixaram de celebrar o sucesso das lutas populares enquanto continuam com a crítica que faz sentido para suas vidas.

Estou convencido de que existem dois livros que marcam importantes desenvolvimentos da filosofia da educação no século 20: um é *Educação e democracia*, de John Dewey, e outro é *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire.

Minha leitura de Paulo Freire, que começou muito antes da minha leitura de Dewey, foi uma leitura crítica, uma leitura não complacente, como o próprio Paulo Freire me disse ao apresentar-me seu amigo Moacir Gadotti, em 1986. Entretanto, só se critica aquilo que merece ser criticado. De acordo com o espírito da *Aufheben*, critica-se para conservar e para ultrapassar, como nos ensinaram Marx e Marcuse na sua filosofia da razão negativa. O próprio Paulo Freire dizia que não queria ser seguido, mas recriado, reinventado. Essas breves notas que seguem são algumas de minhas sugestões de como podemos reinventar Paulo Freire na democracia.

Karl Marx, em uma de suas passagens da *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*, escreveu: "todas as outras formas do Estado são definitivas, distintas e particulares; na democracia, o princípio formal é simultaneamente material; assim, somente a democracia une, verdadeiramente, o geral e o particular". Essa sentença de Marx, que pode abrir caminho para um verdadeiro tratado sobre a natureza da democracia, nos convida a pensar sobre as dificuldades inerentes nas formas democráticas como processos de participação e de representação política — e, sem dúvida, a pensar sobre as novas dificuldades que aparecem quando democracia e capitalismo estão associados. As formas democráticas de governo representam a única formulação possível em que os direitos e as liberdades dos indivíduos e das comunidades, tanto no contexto nacional quanto no sistema global, podem ser respeitados.

Isto, certamente, explica por que Paulo Freire pensava as classes sociais, criticando e, ao mesmo tempo, celebrando a democracia. Num encontro privado que tivemos em sua casa, em meados dos anos 90, ele me disse com um traço de tristeza que, algumas vezes, não havia sido entendido porque foi criticado por não enfatizar suficientemente a questão das classes sociais, sendo considerado, por isso, como um pensador liberal democrático. Quando ele visitou o Chile, 20 anos depois de ter escrito *Pedagogia do oprimido*, lá ele encontrou muitos daqueles que o haviam criticado duramente nos anos 60 pela sua defesa da democracia e por sua análise limitada das classes sociais. Eles haviam abandonado completamente sua análise do ponto de vista da luta de classes e se tornaram defensores fervorosos do modelo neoliberal. Paulo Freire concluiu seu lamento com o seguinte: "Carlos, eu

sempre tenho sido consistente ao postular, simultaneamente, a análise da luta de classes com a análise da democracia". Sua crença na necessidade de trabalhar a análise da luta de classes na democracia e a importância que ele dava à educação ligada à análise do Estado é, talvez, uma das lições fundamentais tanto do primeiro e quanto do último Paulo Freire.

Estamos hoje diante de uma conjuntura em que se confrontam grandes possibilidades e grandes perigos. No campo da educação as reformas neoliberais se confrontam com as noções holísticas da educação, substituindo-as por modelos instrumentais e corporativos baseados nos valores do mercado. A questão que se coloca é como governo e sociedade posicionam-se diante dessas contradições, equilibrando o interesse individual e o bem comum. Rer *Pedagogia do oprimido* no contexto dos efeitos das globalizações neoliberais em nossas sociedades pode ser o caminho mais apropriado para confrontar essa conjuntura em que o conhecimento instrumental foi estabelecido como o único caminho para a promoção das reformas educacionais. Rer *Pedagogia do oprimido*, contextualizando suas teses centrais, pode nos ajudar a redefinir os termos dos debates que estão acontecendo hoje na educação em geral. O que proponho é reinventar Paulo Freire hoje por meio de uma releitura da *Pedagogia do oprimido*. Isso, a meu ver, tornou-se um mandato político e pedagógico que Paulo Freire nos deixou, para os tempos de hoje, no seu imenso desejo de poder viver num mundo mais humano, menos feio e mais amoroso.

Carlos Alberto Torres

Diretor-fundador do Instituto Paulo Freire de São Paulo, da Argentina e da Universidade da Califórnia em Los Angeles (Ucla). É também professor da Faculdade de Educação da Ucla.

2. Opção radical pelo oprimido

O que mais me impressiona na *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, é sua atualidade, mesmo 40 anos depois de sua escrita. E isto se deve, certamente, às suas características de universalidade, como é próprio das grandes obras-primas da humanidade. A comprová-lo estão as contínuas edições em português e nos mais diversos idiomas do planeta. Contudo, para mim, sua marca mais impressionante, seja pela clarividência epistemológica, seja pela coragem política de seu autor, é o fato de ser, não uma "pedagogia para o oprimido", mas uma "pedagogia do oprimido", isto é, uma formulação a partir do ponto de vista dos esfarrapados da Terra, a quem ele dedica o livro. A implicação desta opção é radical, constituindo, no limite, uma verdadeira revolução paradigmática, na medida em que atribui aos dominados uma superioridade científica e epistemológica. Esta superioridade é explicitada na passagem em que Paulo Freire afirma: "Por isto é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam" (*Pedagogia do oprimido*, 17ª ed., p. 43).

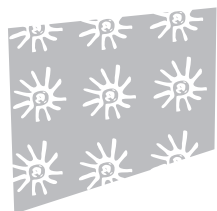
Estendendo-se este princípio aos demais campos da atividade humana, pode-se concluir que somente os oprimidos são capazes de desenvolver a humanização e, portanto, o processo civilizatório.

José Eustáquio Romão

Diretor-fundador do Instituto Paulo Freire, professor no Mestrado em Educação do Centro Universitário Nove de Julho (Uninove) e coordenador da Cátedra do Oprimido da Unifreire.

3. Fecundou toda uma geração de jovens

Um dos livros de impacto mais importante e mais duradouro sobre a educação latino-americana nas últimas duas décadas. Preenhe de idéias simples e, por serem simples, revolucionárias, *Pedagogia do oprimido* fecundou toda uma geração de jovens que então procurávamos caminhos para mudar o mundo e para nos inserirmos na realidade de nossos povos. Foi a partir de Paulo Freire que, para muitos de nós, a educação surgiu como espaço vital, como uma alternativa de atividade política. 40 anos após sua publicação, *Pedagogia do oprimido* continua em pleno vigor, tanto quanto a própria realidade que lhe deu motivo. Em pleno vigor, além do mais, por possuir o encanto desses livros que podem ser lidos por várias vezes, sempre encontrando-se neles novas idéias e novas sínteses.



Rosa Maria Torres

Educadora, pesquisadora e especialista em educação de jovens e adultos. É assessora do Centro de Cooperação Regional para a Educação de Adultos na América Latina e Caribe (Crefal). Criou e dirige o Instituto Fronesis. <http://www.fronesis.org>

4. Uma obra histórica e profética

A *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire é uma obra histórica e profética. Ela, ao seu tempo, inspirou o trabalho de todos aqueles que optaram por uma prática educativa inserida no processo organizativo popular; comprometida com a construção e fortalecimento dos movimentos sociais e suas entidades, organicamente vinculada ao projeto de libertação das classes populares. É uma obra muito atual, pois as categorias utilizadas por Paulo Freire já traduziam sua aguda percepção e fervoroso compromisso com a necessidade de uma pedagogia capaz de forjar um povo consciente e que seja sujeito da construção de uma sociedade livre de todas as formas de exploração e radicalmente democrática.



Pedro de Carvalho Pontual

Doutor em Educação pela PUC-SP e pesquisador do Instituto Pólis, preside o Conselho de Educação de Adultos da América Latina (Ceaal).

5. Repensar suas idéias num novo contexto

Pedagogia do oprimido é um marco no pensamento do professor Paulo Freire. Produzido no exílio, quando estava no Chile, país que o reconheceu logo após o golpe militar no Brasil em 1964, o livro é um repensar de suas idéias e de sua

prática a partir do novo contexto em que vivia. Em permanente diálogo com aqueles que o cercavam, exilados ou não, incorpora o marxismo às suas antigas influências cristãs e nacional-desenvolvimentistas, refazendo sua leitura da realidade dos povos do Terceiro Mundo. Aos oprimidos deposita sua confiança e seu trabalho intelectual de educador, ao construir uma pedagogia que é politicamente comprometida com a busca permanente de uma sociedade mais justa.

Sérgio Haddad

Professor da PUC-SP, é secretário executivo da Ação Educativa e membro do Comitê Organizador do Fórum Social Mundial.

6. Vida maiúscula

Por que Paulo Freire chamou a obra de "*Pedagogia do oprimido*?" Poderia ter escolhido "*Pedagogia para o oprimido*", dando ao texto um caráter ferramental, ou "*Pedagogia com o oprimido*", deixando claro já no título a aliança necessária a ser feita com as vítimas.



Ora, há uma diferença entre falar *de* e falar *sobre*; quando se *fala de*, fala-se de dentro, como experiência pelo sujeito vivida; quando se *fala sobre*, fala-se de fora, como experiência pelo sujeito ouvida. Eu, que nunca fome senti, não posso falar *da* fome, e sim *sobre* ela; não posso falar nem *de* analfabetismo e nem *de* discriminação racial, pois são vivências de outrem. Paulo Freire, porém, mergulhara com tamanha intensidade e honestidade na vida de oprimidos que se tornara capaz de expressar-se como tal, no lugar de mera representação.

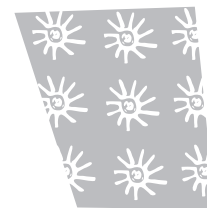
A *Pedagogia do oprimido* é impregnada de Vida, vida sofrida, vida sem abundância, vida agredida, vida furtada. Por isso, viva a obra permanece, enquanto a vida de infelizes homens e mulheres ficar no diminutivo. Viva, sim, após 40 anos, para que a Vida não se apequene.

Mario Sérgio Cortella

Filósofo, professor titular da PUC-SP, doutor em Educação, orientado por Paulo Freire, com quem atuou na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e a quem sucedeu no cargo (1991-1992).

7. Uma convocação para um mundo mais humano

A *Pedagogia do oprimido* é uma obra de referência que nos convoca, profundamente, para o compromisso com a vida, com a justiça e com a libertação. O livro continua a ser, neste milênio, uma matriz importante a inspirar a teoria e a prática de todos aqueles que assumem o compromisso com uma educação democrática e que proclamam o direito e o dever de mudar o mundo, na direção de um projeto social fundado na ética do ser humano e em princípios de justiça social e solidariedade.



Mais do que na época em que foi escrita, a obra nos compele ao engajamento na luta a favor dos esfarrapados do mundo, a quem Paulo Freire dedicou este livro. A oportunidade de ter trabalhado

com Paulo Freire permite-me dizer do privilégio que tive de aprender, com o Mestre, mais do que o valor da opção pela educação crítico-transformadora. Em uma convivência de quase duas décadas aprendi, sobretudo, lições de vida com um homem que surpreendia, especialmente pela sua coerência.

Ana Maria Saul

Doutora em Educação, trabalhou com Paulo Freire na PUC-SP e na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordena a Cátedra Paulo Freire na PUC-SP. anasaul@uol.com.br

8. A força que vem do exílio

O primeiro contato que tive com um texto de Paulo Freire exilado foi precisamente o Capítulo II da *Pedagogia do oprimido*, sob a forma de uma apostila rodada em mimeógrafo. Ainda hoje me vem o cheiro forte do estêncil e da tinta preta, a folha meio borrada, em cujo centro aparecia impresso em espanhol, com destaque de margem à esquerda, a célebre frase: "Ahora nadie educa a nadie, así como tampoco nadie se educa a sí mismo; los hombres se educan en comunión, mediatizados por el mundo". Em espanhol, sim, como a maioria dos textos políticos clandestinos, naqueles anos de chumbo, provenientes do Chile, Peru, México, Cuba... Era o ano de 1973. Eu, um professor universitário iniciante e, no Ciclo Básico da PUC-SP, trazíamos textos de Paulo Freire para estudos com os alunos. Mas para multiplicar e distribuir esses textos, precisávamos reproduzi-los em mimeógrafo, sem identificação do autor, e estudá-los como se fossem textos anônimos. Para circular com os livros era prudente desencana-los. Até que ponto chegava nossa prudência... ou nossa paranóia. Os censores militares já estavam instalados dentro de nós. Mas ali estava também uma contradição: era o próprio Paulo Freire exilado e clandestino quem nos dava forças para seguirmos na tarefa político-educativa que com ele mesmo aprendíamos. A história revelava-se nos fatos: de um lado, o obscurantismo dos poderosos opressores; do outro, a luz que vinha das sombras do exílio. A força da pedagogia dos oprimidos.

Alípio Casali

Professor titular da Pós-Graduação em Educação da PUC-SP. a.casali@uol.com.br

9. Aos que não se renderam à ideologia fatalista

O encontro com a pedagogia freiriana deu-se durante meu tempo de estudante de Pedagogia da USP (1964–1968). Datas marcantes na minha história de vida e na do Brasil. A primeira vez que ouvi falar em Paulo Freire foi quando o Centro Acadêmico da faculdade promoveu um curso de formação de coordenadores em alfabetização de adultos. Eram os primeiros anos da ditadura militar... A repressão cerrada se faria sentir a partir de 1968. Nesse curso promovido pelos ex-participantes da Operação Ubatuba, tive contato com os primeiros escritos de Paulo: *Educação e*

conscientização e sobre o "Método de Alfabetização". A formação foi seguida de outros encontros. Acabei por me integrar ao Movimento de Alfabetização (Move) auto-organizado e mantido por um grupo de estudantes universitários paulistas, que se propunham a levar a alfabetização para bairros operários de municípios do estado de São Paulo.

A convivência como alfabetizadora, com grupos de trabalhadores, a leitura da *Pedagogia do oprimido*, forjaram em mim uma consciência crítica da realidade brasileira. Educaram-me política e profissionalmente. As lutas políticas nos diferentes espaços em que atuei como educadora, durante os anos 70 a 90, foram minha grande escola. Hoje, posso dizer que muitas das idéias de Paulo Freire foram o fio condutor de minhas opções de trabalho, como educadora e pesquisadora.

O mote da educação como canal de formação de consciências críticas e posicionadas, na ótica daqueles que vivem do trabalho, foi um farol que me conduziu a atuar e pesquisar em espaços educativos dos meios populares. Atuando em sindicatos, organizações, associações de trabalhadores, movimentos sociais, colaborei para a recriação e reconstrução de alguns conceitos e propostas pedagógicas contidas na *Pedagogia do oprimido*. Assim, conceitos e práticas de problematização, diálogo, criticidade, democratização das relações educador-educando e difusão da cultura popular foram sendo semeados, apropriados e revitalizados entre os intelectuais e dirigentes dos setores "oprimidos" durante o período da resistência à ditadura e após a redemocratização.

Fui privilegiada por ter tido a oportunidade histórica de conviver com o amigo que, na apresentação de um dos meus livros publicado em 1996, escreveu: "formação sindical no Brasil é um estímulo a quem não se rendeu às manhas da ideologia fatalista que nos ameaça".

Sílvia Maria Manfredi

Professora livre-docente da Unicamp, diretora do Instituto Paulo Freire (Itália).

10. Uma maneira de construir pedagogia

Tive o primeiro contato com *Pedagogia do oprimido* em meus estudos de pós-graduação no exterior (Princeton, Estados Unidos), ainda na década de 1970. A descoberta deste livro coincidiu com o encontro igualmente impactante do livro *Teologia da libertação*, de Gustavo Gutiérrez. Diria, hoje, que mais do que uma descoberta, tratou-se de uma revelação, no melhor sentido do termo. Algo novo e diferente havia "irrompido" em minha vida e marcaria profundamente tudo que fiz desde então. Do ponto de vista acadêmico, *Pedagogia do oprimido* não foi apenas mais um objeto de estudo, mas se colocou como baliza para encontrar o lugar de onde pensar a educação. O alerta colocado por Paulo Freire no início do livro de que homens e mulheres se encontram desafiados a buscar o seu "posto no cosmos" passou a ser um eco permanente. Vejo hoje que é um desafio que se coloca, de forma diferente, para cada geração e para cada cidadão e cidadã.

Entendo que em *Pedagogia do oprimido* encontramos a dimensão pedagógica dos movimentos de emancipação (de estudantes, de mulheres, das antigas colônias e dos trabalhadores, entre outros) que estavam ocorrendo por ocasião de sua elaboração. O livro teve tamanha repercussão, quase instantânea, porque disse o que muita gente tinha na ponta da língua e via expresso nas palavras de Paulo Freire, atravessando fronteiras entre acadêmicos e militantes políticos, entre teólogos e cientistas sociais, entre educadores do norte e do sul.

Neste livro, Paulo Freire testemunha, sobretudo, uma maneira de construir pedagogia. Uma das marcas dessa pedagogia foi magistralmente destacada por Ernani Maria Fiori, na apresentação da *Pedagogia do oprimido*, no sentido de que se trata de uma pedagogia do outro, que para Paulo Freire é o oprimido. Uma segunda marca da *Pedagogia do oprimido* é a sua construção polifônica. Há vozes muito diferentes presentes no livro, às vezes até dissonantes. Estão presentes os camponeses e trabalhadores ao lado de intelectuais, artistas e militantes; encontramos escolas de pensamento em relação às quais Paulo Freire não tem a preocupação de uma aplicação coerente com elas mesmas, mas a sua recriação em função de uma leitura da realidade que se coloca como desafio para interpretação e mudança.

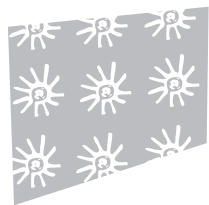
É essa polifonia que faz com que tantas pessoas se “encontrem” no livro. A professora alfabetizadora identificará elementos para introduzir as crianças no mundo letrado, o militante político descobrirá princípios pedagógicos para lidar com a disputa pelo poder, o pesquisador verá ali as origens de uma forma de investigação na qual a dimensão formativa não está dissociada da ação dos sujeitos nem se dará apenas de fora para dentro a partir do domínio de certos instrumentos e técnicas ou de agendas oriundas de outros contextos. Tudo isso torna o livro maior do que ele mesmo; ele adquire uma vida para além de si por meio de todas essas leituras que continuam sendo feitas.

Danilo R. Streck

Doutor em Educação pela Rutgers University (Nova Jersey, EUA) e professor do Programa de Pós-Graduação da Unisinos.

11. Pedagogia do oprimido e Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação afirma: a libertação dos oprimidos ou se faz a partir dos oprimidos mesmo junto com seus aliados, conscientes de sua própria força e dignidade, ou não se fará nunca. A importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente um oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico que, quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade. A Teologia da Libertação ao fazer a opção pelos pobres contra sua pobreza assume a visão de Paulo Freire. O processo de libertação se dá no processo de extorção do opressor que carregamos dentro e na constituição da pessoa livre e libertada, geradoras de participação e de solidariedade.



A Teologia da Libertação é um discurso sintético, porque junto com o religioso incorpora em sua constituição também o analítico e pedagógico. Por isso, Paulo Freire, desde o início, foi e é considerado um dos pais fundadores da Teologia da Libertação.

Leonardo Boff

Doutor *honoris causa* em Política pela Universidade de Turim (Itália) e em Teologia pela Universidade de Lund (Suécia). Recebeu prêmios no Brasil e no exterior por sua luta em favor dos fracos, dos oprimidos e marginalizados e dos Direitos Humanos. <http://www.leonardoboff.com>

12. Pedagogia do oprimido e psicanálise social

Desde que descobri a *Pedagogia do oprimido* comeci a entender que ler a prática educativa freirianamente é, entre outras coisas, retirar o véu que impede conhecer o mundo da miséria de sobra introjetada do opressor, da exclusão, da cultura do silêncio e do rompimento da dignidade. Fui fazendo minha a proposta de Paulo de aprender ensinando a ler o mundo, de pensar a prática para transformá-la.



No processo de compreensão da prática educativa, em um capitalismo de guerra, filicida e fraticida, tive a necessidade de recorrer à psicanálise aplicada ao social para entender, junto com outras perspectivas disciplinares, a forma como aqueles que ostentam o poder político, financeiro, ideológico, religioso e militar, tergiversam a percepção da realidade, confundindo e imobilizando a sociedade, para tratar de impor uma única percepção do mundo, uma única hegemonia. Fiz esse estudo seguindo, em especial, os movimentos sociais.

A *Pedagogia do oprimido* me indicou um caminho, guiou meus passos pelo mundo, me lançou um desafio para assumir meu medo, lutando para construir sonhos e utopias. Meu encontro com as primeiras letras de Paulo Freire foi na sala de aula onde pude analisar a relação entre educação bancária e educação libertadora. De 1974 a 1978, estive ao lado de Paulo e Elza, na Suíça, em São Tomé e Príncipe, na África, preparando-me para melhor entendê-lo e melhor reinventá-lo. Assumi a radicalidade freiriana, *lendo minha prática para transformá-la*, buscando ter voz na voz das e dos estudantes que comigo leram a prática a partir dos esfarrapados do mundo. Sempre estive atento para relacionar o texto de estudo com o contexto social, trazendo as lutas sociais para dentro da sala de aula, observando e conhecendo a sombra introjetada do opressor. Estudei psicanálise social para compreender melhor as relações de opressão, no contexto de um poder global de guerra, que nos tem desconectado da realidade real e se manifesta na conduta psicopata que estimula o fraticídio.

A *Pedagogia do oprimido* foi ontem e continua sendo hoje uma resposta prático-teórica, belamente dialética, para entender as relações de opressão, para construir caminhos que permitam romper

o silêncio e lutar para a conquista da dignidade perdida, para impedir qualquer forma de colonialismo-neocolonialismo e de ações que abrigam a desumanização dos seres humanos.

Miguel Escobar

Autor de *Educación alternativa, pedagogia de la pregunta y participación estudiantil: prólogo de Paulo Freire*. Universidade Nacional Autônoma do México. maeg@servido.unam.mx

13. Três dimensões do pensamento freiriano

A fecundidade e a atualidade do pensamento de Paulo Freire estão presentes na *Pedagogia do oprimido*, com as marcas da temporalidade, da historicidade e da dialógica como convite, permanente, a (re)pensar e (re)fazer práticas políticas e pedagógicas voltadas para a formação humana do ser humano e a vivência de uma ética universal. Na *Pedagogia do oprimido* encontro três dimensões que constituem o pensamento freiriano: a relacional, que emprenha de significado as relações homem/mulher-mundo; a dinâmica, que transversaliza a pedagogia problematizadora e toma corpo no diálogo como fundamento e vivência; a utópica, que, enquanto ponto de partida e horizonte, perpassa vida, vivência e obra de Paulo Freire. Essas dimensões constituídas por intencionalidade, princípios, valores e relações tecem e dão sustentação ao desenho de um projeto de homem-mulher e de sociedade que tomam a educação como um instrumento necessário à leitura crítica da crueldade, com abrangência planetária, que maltrata o ser humano e social numa tendência à coisificação. Ao mesmo tempo, essas dimensões, além da leitura crítica, também tomam a educação como um instrumento indispensável à intervenção e construção da existência humana e social, humanizada e humanizante. Assim, *Pedagogia do oprimido* traz esse esboço de projeto de superação de idéias e práticas hegemônicas de exploração e opressão que, ao longo de 40 anos, foi inspirador de reflexões e práticas, objeto de discussão e recriação daqueles(as) educadores(as) que buscam (re)conhecer e vivenciar a contribuição histórica, política, pedagógica e epistemológica de Paulo Freire por meio do estudo, da reflexão crítica e das vivências educativas: escolares, políticas, sociais e comunitárias. *Pedagogia do oprimido* é um convite e uma obra sempre em construção.

Eliete Santiago

Professora no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e no Centro Paulo Freire.

14. Concepção dialética da educação

Sintetizar em um pequeno fragmento uma obra sublime, escrita por um educador eminente, apóstolo da educação, pedra sobre a qual se arvorou a concepção libertadora da educação, exilado no além-mar, em um contexto de ditadura militar e de manifestações da União Nacional dos Estudantes no Brasil

que culminou com a prisão de estudantes em Ibiúna (outubro de 1968), e de luta de libertação da submissão colonial da minha pátria amada Cabo Verde, um arquipélago africano, atlântico e saheliano, não é tarefa fácil. Preferiria reescrever o livro inteiro mesmo em crioulo já que a obra está trasladada em mais de 30 línguas. Nessa altura, garoto de 8 anos, sofria no sangue a *paudagogia do oprimido*: "a letra, com sangue, entra", recitava o professor colonial, a cada *paulada* aplicada na costela dos infortunados. *Pedagogia do oprimido* é assim um convite para uma reflexão contínua sobre a *pedagogia como prática de dominação*, evidenciando a contradição entre a concepção bancária e a concepção problematizadora da educação, baseada em uma visão de homem e de mundo que supera a relação vertical educador-educando: "ninguém educa ninguém... os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo". Da *Pedagogia do oprimido* à *Pedagogia da pergunta*, *Pedagogia, diálogo e conflito*, *Pedagogia da indignação*, *Pedagogia da esperança*, entre tantos, até *Pedagogia da autonomia* (1997), seu último feito, Paulo Freire, contribuiu historicamente para a construção da *concepção dialética da educação*, que visa a edificação do homem, enquanto sujeito e agente do processo histórico, comprometido com o projeto de construção de uma nova realidade social: "a história nos faz, refaz e é feita por nós continuamente".

Florêncio Varela

Reitor geral de Alfabetização e Educação de Adultos, mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Caen (França), foi professor de Ciências da Educação e Práxis Educativa na Universidade Jean Piaget, de Cabo Verde.

15. *Pedagogia do oprimido*: escolha, compromisso e luta

Em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire dá nome a algo fundamental no processo educacional. Nomeia o ato de educar como ato político. Traz à existência a politicidade da educação. E, na dedicatória do livro, toma uma posição: "aos esfarrapados do mundo e aos que com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam". Ensina-nos que educar implica escolhas, compromisso e luta.

Em tempos de "Todos pela educação", Paulo Freire continua atual. Ajuda-nos a não esquecer que não basta aderir à defesa da educação. Traz as perguntas: em favor de quem? De quê? Para quê? Para quem? Não é suficiente oferecer educação. É preciso garantir qualidade. São necessárias políticas afirmativas que possam alcançar a diversidade que nos caracteriza: populações afro-descendentes, indígenas, de zona rural, privados de liberdade, jovens em conflito com a lei. Não podemos chegar com respostas prontas. É preciso conhecer as situações significativas de cada contexto. É preciso conhecer o conhecimento do outro; dialogar. Não haverá diálogo entre escola e comunidade, entre educador e educando, quando aquele se reconhecer como o único a possuir saber e este o que deverá recebê-lo.

"A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?" (*Pedagogia do oprimido*, 1981, p.94-5).

Pedagogia do oprimido é farol. É guia. É guardião da utopia. Semeia esperança a todos e todas que defendem a "educação como prática da liberdade". Ela dá nome a caminhos fundamentais de como ser pela educação de forma a promover a capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la. Traz à existência um jeito de educar coletivo, solidário, comprometido, dialógico: que não se dá de forma alheia ao contexto do educando, nem constrói conhecimento ignorando o saber dos alunos.

Ângela Antunes

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire.

16. Porque nos inspiramos em Paulo Freire

Paulo Freire plantou sementes que continuam florescendo no presente e que continuarão a dar frutos no futuro. Seu mais conhecido livro, *Pedagogia do oprimido*, marcou a vida de muitas pessoas e continua inspirando o trabalho de educadores(as) e de profissionais das mais diferentes áreas de atuação. Por que isso acontece? Não é uma pergunta simples, mas quero dar, dentre tantas possíveis, uma resposta.

Ao afirmar que, na alfabetização de adultos, era necessário partir da "investigação temática" e que esta se daria "no domínio do humano e não no das coisas", Paulo Freire explica que essa investigação "sendo processo de busca, de conhecimento, por isto tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas". (*Pedagogia do oprimido*, 17ª ed., 1987, p.100).

Infiro, lendo Paulo Freire, que os nossos pontos de partida, em educação ou em qualquer tipo de investigação científica, não são exatamente as disciplinas, as áreas do conhecimento ou as ciências. Os pontos de partida são as pessoas, os coletivos humanos e as relações que eles estabelecem entre si e com o mundo em que vivem.

Ao educarmos e nos educarmos, torna-se fundamental reconhecermos o "domínio do humano", o que pressupõe investigações temáticas que nos levem, por exemplo, ao reconhecimento das histórias de vida e à valorização das culturas, das identidades, das múltiplas semelhanças e das diferentes diferenças entre as pessoas — o que temos chamado de "educação intertranscultural". Desse processo resultam o prazer de aprender, o gosto pelo ensinar, o estímulo à descoberta de si mesmo e uma maior visão de totalidade dos conhecimentos, dos saberes e da natureza humana na qual estamos inseridos.



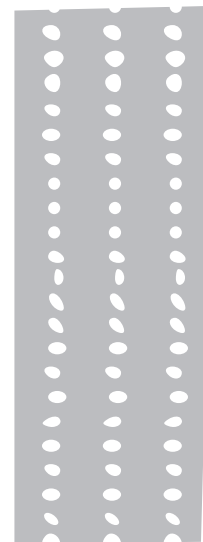
É talvez, por isso, que tantas pessoas se reconhecem na obra de Paulo Freire. Ele nos ensina que somos fundamentais na construção da história da qual fazemos parte. Mas que essa importância só ganha sentido, efetivamente, se buscarmos a superação da desigualdade social, de todo e qualquer tipo de preconceito e se nos vincularmos à construção permanente de um mundo mais justo e feliz para todas as pessoas.

Paulo Roberto Padilha

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e diretor de Desenvolvimento Institucional do Instituto Paulo Freire.

17. Dodiscente

Pedagogia do oprimido fundiu um delicado equilíbrio entre mensagem e código. Paulo espraçou-se. Sua repercussão flui nas ramas e tramas da cultura. Cada pessoa curiosa pode hoje usufruir seu modo de produzir pensamento e concepções. A sua narrativa não apenas afere "verdades em si" mas expõe e se expõe na aura de contar contos, num linguajar que transparece interações e reconhece a curiosidade gnoseológica no ato de conhecer. O repúdio a qualquer forma de educação bancária foi assimilado, seu modo de ser "palavra-mundo" sugere completo incabamento. Pode-se acessá-lo desde uma associação de moradores, o ponto de cultura, o café filosófico, o blogue, Orkut; pode-se encontrá-lo em *silk-screen* de camisetas, mural de escolas, em instituições educativas, pode-se reconhecê-lo em momentos-formação de partido ou universidade. E, sobretudo, esse "modo-Paulo" dignificou a experiência do refletir sobre a própria prática, tendo um ponto de partida no saber de experiências feito, cotidiano e plural; seria a dignidade da desopressão, a que educa por artes de ciência e de opção política. Paulo tem sido o educador na cultura através de cuja referência o que amamos se torna mais vivo, o que construímos constitui um modo de ser "senti-pensante" e o que conhecemos como "veias abertas" denuncia a flor desabitada da servidão e do iletramento.



Adriano Nogueira

Membro do Instituto Paulo Freire, doutor em Educação pela PUC-Camp, possui especialização em Teologia e Cultura Popular. Trabalha no Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura.

18. Encontros para descolonizar o saber e o poder

No dia 3 de novembro de 1983, encerraram-se os "Encontros com Paulo Freire", série de reuniões do educador com professores, funcionários e estudantes da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), além de lideranças da própria comunidade regional e representantes de outros segmentos. Realizaram-se dez encontros semanais a partir de 11 de agosto de 1983. Após a volta do exílio, esta foi uma das poucas vezes em que o autor da *Pedagogia do oprimido* concedeu sair do seu eixo de aulas



entre Campinas e São Paulo – Unicamp e PUC-SP – para animar – ou agitar – um seminário noutra universidade. Tendo como meta discutir a educação popular, os debates acabavam girando sobre a questão do autoritarismo, que se manifesta em vários níveis.

Paulo Freire fez uma avaliação positiva sobre estes encontros, especialmente por despertar a discussão sobre questões essenciais para a prática pedagógica e política. Neste sentido, alerta para o perigo de se efetuar o que chama de "comparação ingênua", ou seja, entender-se que, após essa série de debates, já teríamos equipes formidáveis, altamente capacitadas por causa dos encontros, dispostas a um engajamento no processo político-educacional a favor da superação das injustiças. "Se assim pensássemos, hoje estaríamos frustrados."

O educador assinalava que tomava esse tipo de encontro como momentos de reflexão crítica sobre a prática dos diferentes participantes quanto a uma melhoria da compreensão dessa prática e, *a posteriori*, melhoria da própria práxis. "Se entendemos os encontros assim, não há por que se frustrar. Apesar da dificuldade de permanência dos mesmos participantes do início ao fim, surgiram durante a reflexão temas que expressavam dúvidas e inquietações dos participantes, umas discutidas mais, outras menos detidamente, e nem era a intenção aprofundar a discussão sobre esses temas."

Paulo Freire observava, então, que as conversas giraram basicamente sobre o seu tema preferido: a manifestação do autoritarismo em suas dimensões mais distintas. O autoritarismo em casa, do pai, da mãe, a chantagem sentimental para se obter alguma coisa. O autoritarismo na escola primária, secundária e, depois, na universidade. A arrogância do educador. A dimensão desse autoritarismo na esquerda e na direita. A petulância do intelectual em se considerar proprietário de um saber imutável. A linguagem que perpassa todas as classes sociais com o discurso da classe dominante. Falar para as classes populares sem compreender nada a respeito do que se está dizendo. A relação lideranças-massas. O papel da universidade.

Enfim, Paulo Freire não aceita fazer uma análise "psicologista" do acompanhamento pelos diferentes níveis de participantes. "Quando uma pessoa fica o tempo todo sem dizer nada, não implica necessariamente que ela prestou menos atenção ao debate", observa, assinalando que via nos olhos e no corpo o interesse pelos temas. Uma contribuição fundamental para o enriquecimento da discussão, em seu entender, foi a participação das lideranças populares, "provocando em nós, intelectuais, a reflexão sobre a necessidade de mudar nossa linguagem".

De qualquer ângulo, portanto, considerou os encontros como momento importante de reflexão, "se entendermos que eles não funcionariam como alavanca de transformação imediata". Só uma advertência: para que toda essa gama de dúvidas despertadas tenha solução de continuidade, o educador acha que o trabalho deve prosseguir de um modo que não implique necessariamente na sua permanência em

acompanhar o esforço empreendido pelos co-autores desse processo.

O processo de debate desencadeado na Unimep com a presença de Paulo Freire naquele segundo semestre de 1983 teve múltiplos desdobramentos seja no âmbito de diferentes setores desta universidade, seja na articulação com outras instituições, como ocorreu no desenvolvimento do Fórum Nacional de Educação Popular (Fonep), que realizou em seguida quatro seminários anuais.

Reinaldo Matias Fleury

Doutor em Educação pela PUC-SP, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e presidente da Association pour la Recherche Interculturelle. fleuri@pesquisador.cnpq.br

19. Analfabetismo e sociedade do conhecimento

Lembro-me de uma noite, em 1963, em Pernambuco, em que acompanhava a filha maior de Paulo, a Madalena, na aula de alfabetização, numa escolinha do interior. Eram os primeiros passos do que, então, se qualificava de "Método Paulo Freire". Primeiras letras, primeiras palavras, a magia da alfabetização como apropriação do mundo. Hoje, 45 anos depois, o analfabetismo caiu drasticamente, para 9%, segundo o IBGE. Progresso? Em proporção de analfabetos, sem dúvida. No entanto, à medida que evoluímos para a sociedade do conhecimento, o nível de conhecimentos necessários para não se ver excluído aumenta dia-a-dia. Basta ver o pânico de tantas pessoas obrigadas e decifrar, em instantes, as instruções de um caixa automático para acessar a sua poupança. Você não navega na internet? Não maneja a *web*? Não lê inglês?

Outros tempos, outras exclusões. No entanto, a era do conhecimento abre novas e imensas oportunidades. Ao tornar-se o conhecimento fator central de riqueza, pode enriquecer a todos. Inteligência temos todos. A libertação pelo conhecimento tem mais instrumentos, e maiores desafios. Se escaparmos da selva de patentes, *copyrights*, direitos exclusivos... Numa escolinha pública de Pirai, em 2008, vi meninos com *lap-top* acompanharem uma aula de Geografia vendo o rio São Francisco na imagem de satélite. Paulo Freire, lá em cima, iria sorrir.

Ladislau Dowbor

Economista, professor titular da PUC-SP. Seus livros e artigos estão disponíveis no *site* <http://dowbor.org>

20. A alfabetização como alegoria de outras políticas

Reler a *Pedagogia do oprimido*, em 2008, pode provocar encontros de um tempo em que, pelas intensidades e insurgências do vivido, não nos permitiu, então, perspectivar o frescor e o pavor das contradições e das efervescências com que as esperanças e os medos se manifestaram no Brasil e no mundo, em 1968.

Esta, sem dúvida, foi uma das grandezas de Paulo Freire: ler, em

meio a tantos embaralhamentos, alguns dos mais pujantes movimentos inconformistas e, assim, poder reforçá-los, por interligar tendências emergentes que perscrutavam desejos existenciais, sociais, desde muito tempo combatidos, para afirmar, eticamente, uma outra forma de educar.

Uma educação que transpunha os limites da *Paidéia* Grega, onde só cabiam os cidadãos, para fazer-se politicamente com o pensar apaixonado e sensível dos oprimidos e, assim, convidar e nutrir formas desejantes de pronunciar o mundo, experimentando-o, recriando-o, fazendo-o girar numa rota mais amorosa, mais incluyente e, incesantemente, ir inventando ferramentas para expandir territórios de liberdade e respeito à dignidade humana.

Tratando a alfabetização como uma alegoria, Paulo ensinou a buscar palavras, para irmos partejando outros mundos possíveis, em que os conflitos, nunca se ausentam, mas em que suas colisões não atropelem nossas curiosidades para reinventarmos a vida, nossas vidas.

Célia Linhares

Professora de Política Educacional da Universidade Federal Fluminense (RJ) e consultora do Instituto Paulo Freire.

21. Ler o mundo dos oprimidos e combater a opressão

Falar de Paulo Freire e de sua trajetória de andarilho da esperança, como tão acertadamente foi nomeado por suas andanças revolucionárias, é pensar em um ser humano em sua inteireza, embora incompleto, inconcluso e inacabado como ele próprio nos ensinou a nos ver.

E o que significa a inteireza a que me refiro? É a inteireza de ser individual e coletivo a todo tempo e em todo lugar; é a inteireza de perseguir seus princípios e propostas com a mesma determinação durante toda a sua vida; é a inteireza de adotar uma postura do mestre que entende que todos, absolutamente todos, merecem sempre respostas, ainda que inconclusas e sempre provisórias, às suas indagações; é a inteireza de pôr em prática, ainda que o desafio seja maior do que se pode enfrentar, os seus projetos, os seus sonhos e esperanças.

Paulo Freire foi fortemente questionado pela academia sobre a incoerência entre suas posições libertárias e sua filiação confessional; por suas propostas de transformação, pelo distanciamento do *constructo* teórico revolucionário das premissas marxistas-leninistas. Quero ressaltar, no entanto, a magnitude da dialogicidade freiriana, que teimo em ver como a mais pura dialética. Senão, por que a unicidade entre o individual e o coletivo, que para tantos de nós constitui-se em uma relação de tensão, ser resolvida em sua obra de forma tão coerente? Pensar em si é pensar no outro; fazer escolhas pessoais é incluir todos os demais; libertar o oprimido é libertar o opressor, ou mais propriamente, só o oprimido ao libertar-se liberta o opressor.



Se essa teoria não é dialética, fica difícil para eu entender o que é dialética. Do meu ponto de vista estas são algumas das razões pelas quais a vida e obra de Paulo Freire alentam e, ao mesmo tempo, iluminam a construção de caminhos aos inconformados com as malvezas do mundo. Quando muitos dos companheiros de luta desertaram para posições mais cômodas, sua voz sempre se fez ouvir em favor dos oprimidos e contra a opressão.

Maria Leila Alves

Doutora em Educação pela Unicamp e professora no curso de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

22. Alimento da luta pela beleza e pela justiça

Faz quase 30 anos que li *Pedagogia do oprimido* pela primeira vez. Estava no primeiro ano do curso de Filosofia, na Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena (Vale do Paraíba, São Paulo), e era aluno do Pe. José Song Sui Wan na disciplina de Antropologia Filosófica. Foi a primeira vez que pude pensar a educação em perspectiva política e observar as implicações das opções que fazemos para a construção de nossa própria humanidade, bem como pensar as possibilidades de libertação e desenvolvimento humano numa sociedade marcada por uma luta ideológica que resulta, de forma predominante, num violento processo de desumanização. Esta experiência teve sobre mim um grande impacto e definiu muitas das minhas escolhas pessoais, profissionais e políticas.

De lá para cá, tenho sido um leitor constante deste fundamental livro de Paulo Freire. Fico sempre muito tocado pelo rigor de sua construção intelectual, pela beleza — às vezes poética — de seus textos, por sua sensibilidade à complexidade da condição humana, pelo profetismo de suas denúncias, pela esperança que marca suas propostas de intervenção no mundo. Paulo Freire é guiado por uma antropologia da inteireza humana e, ancorado na consciência da inconclusão e na necessidade do diálogo, propõe uma *Pedagogia da Esperança*. *Pedagogia* esta que lança quem a defende numa amorosa luta pelo processo de transformação da sociedade.

Hoje Paulo Freire continua a nos dizer, por meio de sua *Pedagogia do oprimido*, que a história, problemática, não está pronta e definida. Que somos seres inacabados e desejosos de ser mais ainda que pressionados por ideologias que nos empurram a ser menos. Que vale a pena enfrentar o medo da liberdade e confrontar os obstáculos postos para construir uma sociedade com beleza e justiça e que, portanto, há esperança. Quase o ouço falar: Mudar é difícil, mas é possível.



Elydio dos Santos Neto

Filósofo, pedagogo, mestre em Ciências da Religião e doutor em Educação pela PUC-SP. Professor no Mestrado em Educação da Umesp e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire.

23. Liberdade

Liberdade é o grande eixo da obra de Paulo Freire. A primeira produção de maior repercussão foi *Educação como prática da liberdade*. Sua grande obra, *Pedagogia do oprimido*, trata da luta dos oprimidos para a superação da negação da liberdade. Sua última obra, *Pedagogia da autonomia*, tem como referência a autonomia que é um outro nome para a liberdade. Por aí podemos perceber um dos motivos da vitalidade da obra de Freire, uma vez que a liberdade se confunde com o próprio processo de humanização. Meus primeiros contatos com a *Pedagogia do oprimido* deram-se em 1977, através de textos mimeografados que refletíamos antes de sair para as rondas da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), nos sábados à noite. Eu era um jovem produto do milagre brasileiro, técnico em Eletrônica e aluno de Engenharia Eletrônica da USP e, como tantos outros, não tinha a menor noção do que se passava efetivamente na sociedade. Pelo contato com o movimento estudantil, com a OAF e pelas mãos de Freire, um mundo novo se abria para mim. Desde então, nunca mais a *Pedagogia do oprimido* me abandonou. Minha atividade principal é a de formação de professores e, quando menos espero, já estou fazendo referência à obra. Retomando formalmente o texto, é bonito perceber como muita coisa foi tão internalizada que se tornou minha também.



Celso Vasconcellos

Doutor em Educação pela USP, dirige o Centro de Pesquisa e Formação Pedagógica Libertad. Ao responder a pergunta "Menino, quem foi teu mestre?", tem orgulho de dizer que foi aluno de Paulo Freire.

24. Libertação

Como na parábola do semeador, Paulo Freire lançou sementes de diálogo, de conscientização, de amorosidade, de indignação, de transformação. Germinaram, cresceram e frutificaram de modo diferenciado. Nos ambientes acadêmicos e burocráticos do ensino foi acolhido como pedagogo. Nem todos captaram o alcance da mensagem. Interlocutores conseqüentes foram as vítimas da opressão mais completa — as da estrutura da propriedade rural. Silentes e autodesvalidos, os sem-terra e sem-palavra foram tocados pelo olhar predileto que Paulo lhes dirigiu em Angicos. Os jovens agricultores, ainda sem terra, mas que já conquistaram a palavra, lêem Paulo Freire para transformar seu projeto de vida.



Na universidade, fazem-se perguntas sobre o texto; nas burocracias, sobre constrangimentos legais; nos movimentos dos agricultores busca-se a transformação. Em Riacho de Santana, num curso para agricultores, lemos a carta inconclusa sobre a morte de Galdino de modo dramatizado: de noite, num ponto de ônibus, com personagens e labaredas. Lemos, encenamos e meditamos. Dialogicidade embaixo de enorme mangueira em tarde de sol ardente. Paulo Freire passou pelo cérebro e fez morada no coração dessa gente.

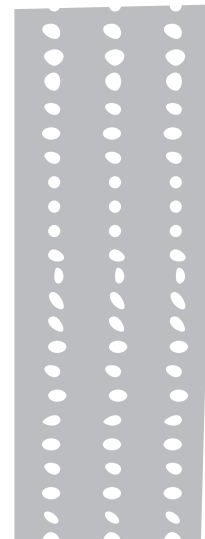
Mudando o cenário, mudam as perguntas, as expectativas e o olhar sobre o mundo. Paulo Freire não se fez apenas para ser lido.

Antônio João Mânfió

Membro do Instituto Paulo Freire, assessor pedagógico do programa de formação de jovens agricultores nas Casas Familiares Rurais no Rio Grande do Sul e secretário executivo da Cátedra Unisul Participação e Solidariedade (Tubarão, SC).

25. Presença de Paulo Freire no sindicalismo docente

Paulo Freire, ao escrever e publicar a *Pedagogia do oprimido*, não apenas oportunizou à sociedade brasileira e ao mundo um novo livro, mas revolucionou o modo de pensar e agir de milhares de pessoas nas mais diferentes áreas do conhecimento e do saber. Um livro cujo conteúdo é verdadeiramente inquietador; diria melhor: perturbador da "ordem estabelecida".



Voltar o "olhar" para a *Pedagogia do oprimido*, relendo-a 40 anos depois, implica, seguramente, destacar algumas teses que sedimentam o legado de Paulo Freire e que continuam presentes hoje. Particularmente, eu gostaria de destacar a presença e a constância do legado de Paulo Freire no sindicalismo docente no Brasil por ter pesquisado mais detalhadamente o tema quando da elaboração da tese de doutoramento na USP, dialogando e interagindo com lideranças sindicais docentes de 13 estados brasileiros.

Para os sindicalistas docentes, uma das matrizes responsáveis pela formação política da categoria foi o pensamento de Paulo Freire. Aqui, impõe-se o registro de algumas *teses freirianas* explicitamente citadas como responsáveis pela formação do sindicalismo docente: a compreensão da relação dialética entre o diálogo e o conflito; o entendimento da educação como ato dialógico; o respeito às diferenças; a busca de coerência entre o discurso e a prática; a disponibilidade para o diálogo; a busca incessante da utopia social e educacional e a esperança na luta.

A leitura do mundo que a categoria docente faz permanentemente da conjuntura e de suas implicações, o reconhecimento dos seus limites, enfatiza a importância do respeito entre os homens, da necessidade de negociação e do exercício do diálogo com o poder público, com a sociedade e com eles próprios, sindicalistas. Trata-se do sindicato cidadão que vem sendo forjado no interior da realidade atual: um sindicato que dialoga com a sociedade. Essa utopia, construída coletivamente, é uma busca permanente que move os sindicatos a resistir e é essa esperança que faz a ponte, a conexão, entre Paulo Freire e o sindicalismo docente de hoje.

Ana Maria do Vale

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, é docente do Instituto Paulo Freire. Autora, entre outras obras de *Diálogo e conflito: a presença do pensamento de Paulo Freire na formação do sindicalismo docente*.

26. Ferramentas que abrem novas veredas

Eram tempos de aceleração histórica que a direita e a esquerda pretendiam “domesticar”, cada qual a seu modo. Nossa experiência, ancorada na Juventude Universitária Católica (JUC) e no Movimento de Educação de Base (MEB), teve identidade própria, mas convergimos no essencial: a libertação do povo. Existem pessoas e obras que se transformam em fios condutores, ferramentas que abrem novas veredas. *Pedagogia do oprimido* foi marco de uma geração, inspirou e continua inspirando todos aqueles que lutam para que o povo tome a sua palavra. Paulo, o educador político, continua ativo, unindo reflexão e ação. Seu livro permanece atual, repto para todos que acreditam na educação como prática da liberdade.

Luiz Eduardo W. Wanderley

Sociólogo, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, é associado da Ação Educativa e do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular.

27. A descoberta do inédito possível

A cidadania é o direito de ter direitos, isso me foi revelado pelo meu velho pai, que, em sua sabedoria aprendida e desvelada junto aos caboclos de Araras, leu o livro *Pedagogia do oprimido* e o aplicou nas rodas de conversas com os cortadores de cana-de-açúcar, vindos do Nordeste, principalmente de Catende, usina dos horrores de Pernambuco. Um de seus líderes havia indicado a obra magistral de seu conterrâneo de Jaboatão.

Meu pai, com sua leitura de mundo, afirmava com convicção que a construção da convivência coletiva, do cotidiano dialogado na relação familiar, na escola, no trabalho e/ou na vida nos fazia ver mais longe o horizonte da existência humana. Assim, aprendi que a realidade concreta se dá na relação dialética entre a objetividade e a subjetividade, no coração da cultura, de conhecimentos historicamente sistematizados pela sociedade em transformação.

Foi assim que me encantei, envolvi-me e tenho tentado fazer acontecer o inédito possível, nos trabalhos comunitários de meu quintal, compreendendo que a formação de sujeitos significa compartilhar valores no sentido da igualdade de pertencimento, que se humaniza na vida a na história, ou seja, na emancipação humana como possibilidade de transformação social.

Maria Stela Santos Graciani

Professora titular da Faculdade de Educação e coordenadora do Núcleo de Trabalhos Comunitários (NTC) da PUC-SP e membro do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

28. U.S. Peace Corps

Era uma vez, um burguês veio ao Mirim dos Caetés para tentar “ajudar” os indígenas indigentes. Este acólito do Tio Sam com mãos e bolsas lisas não achava seu papel no rojão do nordestino

Na Rainha do Manguê, a freguesia aproveitou do inocente jovem gringo fumando e bebendo grátis até um sussurro de “espia!” perfurou o bom vizinho. Eremita-leitor, decidia cometer suicídio de classe.

Se metia no “vuco vuco” do Mercado São José onde engolia mocotó, siri, angu, sarapatel e jaca mole. Na espuma das ondas fazia unção no crepúsculo onde o país estende seu peito pros orixás d’aluanda.

No Recife se refazia entre as multidões sofridas nas margens do Capiberibe até que um muambeiro aparecia ao seu lado com folhas de um texto ignoto que explicava nitidamente a mecânica da opressão.

Hoje, na EJA de Los Angeles continua a averiguar os preceitos que naquele tempo descobria: o estudo dialógico abre portas de percepção e cultura,

o povo faz cultura e reconhece
seu valor, educador e educando
são duas faces da mesma moeda.

Que viva Paulo Freire, coração e obra!

Peter Lownds

5 de agosto de 2008. Lownds escolheu a antiga capital Olinda para ser anfitriã da sua estadia no U.S. Peace Corps de 1966 até 1968. Lownds é poeta, escritor, tradutor e educador.

29. Passagem por Harward

Vão 40 anos desde que conheci Paulo Freire, dividindo com ele o escritório na Faculdade de Educação da Universidade de Harvard, onde ambos éramos membros do corpo docente. O Centro de Estudos em Educação e Desenvolvimento de Harvard, que acolheu a Paulo Freire, era um espaço de excelência que congregava educadores e pensadores sociais de todo o mundo. Paulo trazia de Santiago a versão em espanhol de sua obra *Pedagogia do oprimido* e dedicou parte considerável de seu tempo à preparação da versão em língua inglesa e à discussão de suas idéias político-pedagógicas com a comunidade acadêmica de Harvard. Para Paulo a passagem por Harvard oportunizou a socialização inicial de suas idéias nos Estados Unidos e para nós, que ali trabalhávamos ou estudávamos, foi uma oportunidade única para conhecer suas idéias e sua metodologia de trabalho. Com ele aprendemos a compartilhar todas as descobertas com todos, de tal forma que todos nos sentíamos participantes do processo de construção coletiva do conhecimento. A pedagogia dialógica, que ele enunciou e divulgou no seu primeiro e mais influente livro e que mais tarde seria abraçada pelos teóricos da ação comunicativa e da gestão democrática, nunca foi tão relevante diante do crescente pluralismo e das diversidades trabalhadas hoje no campo da educação e da sociedade.

Benno Sander

Doutor em Administração da Educação pela Catholic University of America (Washington) e professor aposentado da Universidade Federal Fluminense (RJ). Atualmente é presidente da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpae).

30. Alerta de lucidez política

Foi, silenciosamente, no início dos anos 70, antes ainda do 25 de abril, mas já num contexto de alguma turbulência política, que as Edições Afrontamento publicaram, em Portugal, um livrinho chamado *Pedagogia do oprimido*. Este pequeno texto, que passou a circular entre leitores da então chamada "oposição", foi avidamente lido e discutido, influenciando iniciativas várias, que então se tentavam, de alfabetização e de educação popular. Tratava-se de iniciativas que foram surgindo no tal contexto de agitação social e política que caracterizou o período de alguma

liberalização quando Marcelo Caetano sucedeu a Salazar.

Com a fase de "normalização" que se seguiu ao período revolucionário, foi esmorecendo este tipo de iniciativas, estimularam-se muitas utopias, feneceram movimentos populares espontâneos. Confrontados com constrangimentos estruturais que cada vez se revelavam mais fortes, também foi empalidecendo o ímpeto de apostar na educação como processo que poderia contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade menos injusta, mais igualitária. O que passou, sobretudo, a ser valorizado nos discursos dominantes foi a importância nunca questionada que a educação pode ter para a entrada no mercado de trabalho. E mais recentemente, em Portugal e na Europa, com o incremento das globalizações econômicas e culturais, o que é, sobretudo, realçado é a importância de conseguir uma "excelência acadêmica" que é oficialmente defendida como sendo o que pode contribuir para a eficiência, eficácia e competitividade consideradas imprescindíveis para sobreviver no contexto econômico atual.

Para aqueles em que persiste, utopicamente, a esperança de que algo, mesmo que pouco, é possível fazer com a educação, as palavras de Paulo Freire nesta e noutras obras que se lhe seguiram constitui um alerta de lucidez política, um arrimo estimulante, uma mensagem, é certo, contra-hegemônica, mas que apesar de tudo vai florescendo aqui e ali, embora assumida em contextos diferentes, com características diversas. Mas, desde que se mantenham bem fortes a consciência da politicidade da educação e o apelo vigoroso a uma vigilância sobre significados sociais e políticos que podem ter os processos educativos, as mensagens de Paulo Freire constituem, para os educadores, um caminho estimulante e fecundo para a sua atuação.

Luiza Cortesão

Professora da Universidade do Porto e diretora do Instituto Paulo Freire (Portugal).

31. Paulo Freire, mahatma das democracias

Paulo Freire é um dos maiores pedagogos do século 20, cujas produção teórica e ação prática maior impacto têm na história da educação e no pensamento pedagógico contemporâneo. O seu pensamento humanista, ancorado numa concepção dialógica, problematizadora, conscientizadora e libertadora da educação, configura um legado ontológico e epistemológico de uma riqueza e atualidade incontornáveis e inadiáveis para pensar e repensar as democracias e o papel, nelas, da educação, das práticas educacionais e dos atores educacionais.

Em Portugal, é nos idos finais dos anos 60 e nos anos 70 que podemos sinalizar a penetração clandestina do pensamento freiriano pela ação de movimentos de ação cívica e religiosa. O regime salazarista assentava na defesa de um modelo nacionalista autocrático, corporativista e conservador de que a natural supressão dos direitos e liberdades fundamentais era sustentáculo.

É neste contexto sócio-histórico que Paulo Freire visita Portugal, em 1973, onde colabora com o Movimento Internacional Católico Graal, um movimento internacional de mulheres cristãs, com ação iniciada neste país, em 1957, sob a égide de Maria de Lourdes Pintasilgo, única mulher que desempenhou o cargo de primeira-ministra em Portugal (1979-1980), e Teresa Santa Clara Gomes.

Mas, se a influência de Paulo Freire se iniciou, em Portugal, no período final da ditadura, é certo que depois da Revolução do 25 de Abril de 1974 Paulo Freire alimentou, substancialmente, a onda de efervescência cívica e política que grassava no país. A pedagogia freiriana teve um papel fundamental no encorajamento do despertar do sono dogmático, bancário e endoutrinador. O pensamento ecumêno de Paulo Freire, a sua lucidez utópica e a sua coragem revolucionária são avocados, de imediato, por um contexto revolucionário ávido por dar voz à linguagem dialógica das possibilidades e à construção de um projeto coletivo denunciador-libertador da opressão, das desigualdades sociais e da exploração dos oprimidos.

A intensa mobilização social e participação popular lograram estender-se a todos os domínios da vida em sociedade, com especial incidência no campo educativo, lugar privilegiado da confluência de conflitos sociais e do debate ideológico. A aprendizagem democrática estava fortemente ancorada na prática. A escola ativa procurava estreitar os laços entre o mundo da vida e o universo escolar de modo a ultrapassar a clássica divisória entre trabalho manual e trabalho intelectual, que no passado havia ajudado a perpetuar e a reproduzir as desigualdades sociais.

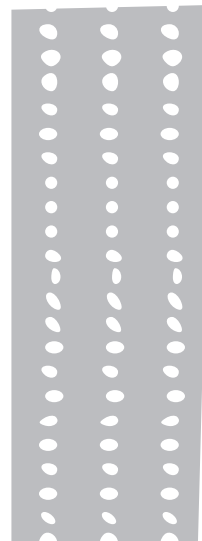
Paulo Freire informa, vivamente, os espaços comunicacionais educativos, em fase de expansibilidade e de busca por uma cidadania emancipatória, participada, deliberada e promotora de uma cultura de direitos. Neste ensaio vivo de democracia direta, sem precedentes na história europeia do pós-guerra, que foi o 25 de Abril de 1974, o rosto de Paulo Freire confunde-se com o rosto de todos aqueles que aprenderam a ler o mundo para além das palavras e, por isso, foram capazes de construir novos sentidos históricos, ancorados na liberdade, na justiça e na igualdade.

Madalena Mendes

Coordenadora do Núcleo de Lisboa do Instituto Paulo Freire (Portugal).

32. Paulo Freire e um momento de poesia

Estávamos em Buenos Aires. Era um julho de 1985 e preparávamos, nós do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (Ceaal), a III Assembléia Mundial de Educação de Adultos. Ao saberem os argentinos da presença de Paulo Freire em nossa pequena equipe, reunida no Hotel Bauman, logo enviaram uma comitiva solicitando a ele que, de retorno à Argentina depois de 16 anos, fizesse uma palestra, dissesse uma mensagem,



deixasse algo aos educadores do país.

Paulo Freire resistiu a princípio. Afinal, tinha vindo apenas para participar da reunião preparatória, em sua condição de presidente honorário do Ceaal. Aceitou depois. Assim, na noite do dia seguinte ao do convite fomos ao Teatro San Martín. Para nossa surpresa e a dele, havia uma multidão de pessoas na porta e ao redor do teatro. Dentro, ele já estava totalmente lotado e ainda ficaram de fora, segundo cálculos apressados de alguns organizadores do evento, mais de mil pessoas. Entraram os que puderam e se soube que perigosamente a lotação do teatro fora superada de muitas e muitas pessoas.

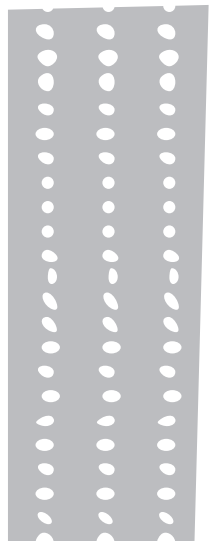
Formamos uma mesa com a maioria dos integrantes da comissão reunida e mais alguns argentinos. Entre eles, Perez Esquivel, recém escolhido para o Prêmio Nobel da Paz. Foi-nos dito pelos organizadores que cada um dos integrantes da mesa teria apenas cinco minutos para falar, pois "a noite seria de Paulo Freire". Falamos todos entre três e seis minutos. Mesmo Perez Esquivel não ultrapassou o seu tempo. Quanto tocou a vez de Paulo Freire, ele começou sua fala rememorando amorosamente momentos de algumas vindas anteriores a Buenos Aires. Creio haver falado até de tentativas não muito bem sucedidas de aprender a dançar o tango na Boca.

Logo a seguir, anunciou que, como todos os outros, falaria cinco minutos. Murmúrios de protesto e desapontamento abalaram os lustres do grande salão do teatro. Falou uma hora e meia. Sua fala de um criativo improviso, ele a rabiscava em um papel ao meu lado, foi uma espécie de "decálogo livre do educador". Creio que o Ceaal publicou desde o Chile uma súmula de sua fala e quero acreditar que em alguma medida ela foi o mote de *Pedagogia da autonomia*.

Ao final da "Clausura", já no começo da noite de 29 de novembro de 1985 (falo, portanto, de 23 anos atrás) algumas pessoas foram convocadas a darem uma espécie de depoimento final. Fui uma delas. Muito ao meu gosto, falei sob a forma de um poema de improviso. Como ele começa com um trecho de Pablo Neruda e como ele convive com palavras e idéias que ao longo dos anos, ouvindo, silenciando e lendo, aprendi com Paulo Freire, eu o transcrevo aqui. Deixo no espanhol de origem o trecho de Neruda e traduzo para o português a minha fala.

O povo, o educador

Era el pueblo, sin duda
sin herencia
sin vaca
sin bandera
y no se distinguia entre los otros.



Los otros eran él.
Desde arriba era gris como el suelo.
Como el cuero era pardo.
Era amarillo cosechando el trigo:
Era negro debajo de la mina.
Era color de podría em el castillo.
En el barco pesquero era color de atun
y color de caballo em la pradera.
Como podría nadie distinguirlo
si era el inseparable, el elemento
tierra, carbon o mar
vestido de hombre?

Pablo Neruda

Seremos sem dúvida com o povo:
nosso sentido, herança e bandeira.
A serviço do que é e do que poderá ser
criamos o sentido do que somos: educadores.

Homem mineral e pobre
mas, como ninguém, humano, tão humano
que como poderia distinguir-se
dos elementos da terra e da injustiça:
ferro, fome e maldição
que o sucumbem e o fazem ser
cinza, úmido e sujo como o solo?

Descer desde o alto e colocar-se a seu lado,
conviver com o seu destino e compartilhar as suas noites,
cantar os cantos com que ele dança
quando aprende por si mesmo a fazer-se
sábio e livre.

Colher com ele o trigo
e de suas duas mãos acolher o pão.
Ser, como ele, negro e silencioso na mina
até quando dela saia e salte
terrivelmente poderoso
e poderosamente solidário.

Bem mais do que apenas um "homem educado",
uma espécie humana inteira transformada
em águia, sol, irmão, força, flor,
vento, chuva, relâmpago, terror e ternura.

O homem humano, o ser do povo
em algum dia distante crido pela natureza
e, agora, guerreiro e poeta em sua luta:
aquele que aprendeu a ser capaz de transformar
a sua vida, a terra inteira e a sua história.

Carlos Rodrigues Brandão

Escrito a mão em 29 de novembro de 1985, para ser lido na cerimônia de fechamento da III Conferência Internacional de Educação de Adultos em Buenos Aires, reescrito para o VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, em setembro de 2008, em São Paulo. Professor aposentado da Unicamp e membro do Instituto Paulo Freire.

33. Estar sempre pronto para partir...

Livros são como mapas. Alguns, como aquele que usamos ao planejar uma viagem, nos contam de terras que outros já visitaram, marcam rios e montanhas que outros já visitaram, marcaram rios e montanhas que outros já viram, indicam as estradas asfaltadas que a multidão apressada toma para chegar lá. Outros mapas são como aqueles que produziam na época das grandes navegações, que apontam para as terras obscuras que existem mais no sonho do que no conhecimento — mapas proféticos que abrem caminhos inexplorados e convidam o viajante a sair das seguras rotas conhecidas e a se aventurar por regiões que outros nunca visitaram. Paulo Freire fez isto: sugeriu caminhos novos para o pensamento. Mostrou circularidade dos caminhos velhos da educação, pelos quais se caminhava sem nunca se sair do lugar. Equívocos? Muitos. Que profeta não se equivoca? Mas, como dizia Nietzsche, os erros dos grandes homens são mais frutíferos que os acertos pequenos. A obra de Paulo Freire foi isto: semente frutífera que vai morrendo e se transformando como exigência da própria vida que vai explodindo os limites que aprisionam. Sendo conhecimento o mundo, tal como é, é muito mais do que isso: revelação de um outro mundo que permanece aberto a todos aqueles que tiverem coragem para entrar nos mares desconhecidos e sedutores para as quais ela aponta. Obra que permanecerá para sempre inacabada, pois isto pertence à sua própria essência: o fascínio permanente ante os espaços que a liberdade não permite que se fechem, jamais. Ter entendido Paulo Freire é estar sempre pronto para partir...



Rubem Alves

Psicanalista, educador, teólogo e escritor. Professor titular na Faculdade de Educação da Unicamp.

34. Pensar o sentido da existência

Pensar o sentido da vida e da existência na velhice nos remete à necessidade de refletirmos sobre o significado e a importância da educação de pessoas idosas, considerando o legado de Paulo Freire. O pensamento freiriano se impõe como paradigma imprescindível para construirmos uma pedagogia político-social, comprometida com o desenvolvimento do pensamento crítico, do processo de conscientização e da criatividade a partir da realidade desse grupo etário. Reagir contra as situações de opressão e os opressores, segundo Paulo Freire, exige ultrapassar a visão ingênua sobre a sociedade e o momento histórico em que se está inserido. De oprimido, o idoso deve passar a sujeito que enfrenta as adversidades próprias da realidade excludente em que vivemos. A educação libertadora concebida por Paulo Freire pressupõe a capacidade de formular novos projetos de vida, como forma de resistência criativa às imposições opressoras da ideologia vigente, de modo a propiciar o exercício da cidadania e a prática da liberdade em prol da garantia dos direitos da pessoa idosa. Esta concepção ampla de uma educação comprometida com a realidade humana e social nos remete à idéia de que os idosos são agentes de intervenção e, assim sendo, devem se envolver nos processos de transformação e construção de um mundo mais humano, onde a velhice seja vivida com dignidade.

Nadia Dumara Ruiz Silveira

Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da PUC-SP.

35. A razão dos monstros produz sonhos

A razão dos monstros produz sonhos que muitas vezes nos engolem e, talvez, tenhamos caído no mito dos e das oprimidos – como o movimento operário caiu no da classe – que nos imobiliza e nos situa no território da simples repetição e cópia, onde reina a morte, e, sobretudo, não nos possibilita a ação de anulação-destruição da classe oprimida em devir e a experimentação educativa e libertadora, ética e política.

Viver é recriar e, depois de 40 anos, talvez tenhamos feito proliferar uma multidão de mundos no devir minoritário, múltiplo e singular, que nem integra nem inclui, visto que existe um modelo majoritário referencial; uma recriação que é produtora de tensões e antagonismo entre micro e macro, entre mulheres e homens, entre opressores e oprimidos... e criação singular e social, mediante processos de aprendizagem nos quais se realiza e verifica a co-criação e a co-efetuação da cooperação de cérebros e corpos, operando na multiplicação de outros mundos, mediante a emergência de relações e acontecimentos entre mundos possíveis, a margem dos pares sujeito/objeto e sujeito/sujeito, numa perspectiva dialógica e afirmativa das singularidades.

Porém, também temos de construir novas instituições que possibilitem tanto a fuga das anteriores, cativas das atribuições

identitárias e dicotômicas, como a invenção-criação de novas que garantam devires, novas formas de subjetivação e ações educativas, éticas e políticas emancipadoras, que imbriquem uma liberdade livre e amorosa, como construção ontológica. Assim, pois, desejamos e materializamos outra educação, outra ética, outra política... que nos possibilite a tradução da potência das novas subjetividades em criações e organizações da vida social: do público ao comum, e vice-versa, em movimentos perenes.

Pep Aparicio Guadas

Membro do conselho gestor do Instituto Paulo Freire (Espanha) e coordenador do Centro de Recurso e Educação (Valência, Espanha).

36. Comunicação e cultura

Pedagogia do oprimido continua sendo uma valiosa síntese do pensamento de Paulo Freire. Tomei contato inicial com a edição em inglês da obra em 1971 e, em busca de um tema para minha tese de doutorado, não tive dúvidas de que ali estavam “escondidas” as bases para uma teoria dialógica da comunicação e da cultura. Embora não tenha sido um aspecto suficientemente explorado do pensamento (e da ação) de Paulo Freire, continuo convencido de que, ao lado de *Ich und Du* de Martin Buber, *Pedagogia do oprimido* é um livro indispensável para todos aqueles que se interessam pelos fundamentos do diálogo como expressão e forma da verdadeira libertação humana.

Venício A. de Lima

Pesquisador sênior do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (Nemp) da Universidade de Brasília (UnB), articulista do site Observatório da Imprensa e da revista *Teoria e Debate*. Autor, dentre outros livros, de *Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire*.

37. Uma revolução copernica em matéria educativa

Pedagogia do oprimido é, na minha opinião, a obra-prima de Paulo Freire. Ela provocou, em mim e em muitos outros educadores, uma verdadeira revolução copernicana em matéria educativa. Fez-nos ver que não há culturas diferentes. E que o oprimido, quando educando, pode não saber exatamente o que sabe o educador e, em geral, porta valores que a educação burguesa, bancária, degenera naqueles que, como eu, foram formados por ela. Daí a importância de, no trabalho popular, o educador deixar-se educar pelos educandos. Deve haver uma interação permanente entre educadores e educandos, de tal modo que a própria função possa se inverter em constante alternância.

Na teoria, estamos todos de acordo. Mas é também verdade que, malgrado esta obra mestra de Paulo Freire, muitos educadores que enchem a boca de propósitos libertadores continuam a praticar a pedagogia opressora, num direcionamento nem sempre sutil, como se os conceitos cartesianos possuíssem a chave da História. Daí a importância,

atualíssima, desta obra de Paulo Freire, este sim um aprendedor obstinado nesse vasto território da educação, onde tantos se arvoram em mestres.

Frei Betto

Frade dominicano e escritor, é assessor dos movimentos sociais. Recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior por sua luta em prol dos Direitos Humanos.

38. Educação popular e movimentos sociais

A causa do oprimido é a motivação e o sentido da minha história de vida. Inicialmente na caminhada com minha mãe, Maria Valesan, na cidade de Quilombo, oeste do estado de Santa Catarina, onde a solidariedade da sobrevivência era cotidiana. Foi ali, participando das pastorais, que aprendi a luta política pelos direitos e a importância da participação cidadã. Enquanto o país vivia os horrores da ditadura, eu crescia. Tinha pouca idade e poucos elementos para compreender todo o processo de exclusão e de privação do povo brasileiro, quando a luta pelo direito à terra se fez realidade na região, fortalecida pela Teologia da Libertação e atuação dos trabalhadores rurais sem-terra. Entre os bancos da igreja e as atividades nas comunidades e na escola, fui construindo minha militância, sem compreender ainda que todo processo coletivo vivido tinha como base a *Pedagogia do oprimido*.

Em 1980, mudei para a cidade de São Paulo. Em processo de formação e com a bagagem da militância, me envolvi com atividades na periferia de São Paulo e com o ofício do magistério como professora de educação infantil. Foi no cotidiano da minha prática, quando ingressei na rede municipal de ensino, no final dos anos 80, ainda na gestão de um governo nada popular e pouco democrático, que aprofundamos o estudo de novas concepções de educação e práticas pedagógicas. Não poderia faltar Paulo Freire e a *Pedagogia do oprimido*.

Meu primeiro contato pessoal com Paulo Freire se deu quando ele assumiu a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Isso foi fundamental e decisivo, pois iniciava aí uma das minhas paixões no campo da educação: a alfabetização de jovens e adultos. No final dos anos 90, quando visitei o Instituto Paulo Freire, tive a certeza da irmandade da causa e das lutas sociais. Conheci ali o Lutgardes Costa Freire que passou um tempo ajudando nas minhas pesquisas e me apresentou os escritos de Paulo Freire nos livros por ele lidos e trabalhados. A força maior veio com o convite para integrar a equipe do Instituto Paulo Freire e, com isso, minha certeza da opção pela educação popular e movimentos sociais.

São muitos os espaços conquistados e muitas as ações desenhadas pelo Instituto Paulo Freire, participando da criação do Fórum Social Mundial, Fórum Mundial de Educação, Fórum Social Brasileiro, Universidade Popular dos Movimentos Sociais, Campanhas pelo Direito



à Educação, Rede de Educação Cidadã, Rede MOVA BRASIL, Rede de Educadores Populares, Cultura Viva, Economia Solidária entre outros. Espaços onde buscamos construir um mundo mais justo, mais fraterno, mais humano e solidário. Um outro mundo é possível e para que se torne realidade, as mudanças e transformações são necessárias e urgentes. Com o sonho nos pés e a realidade na cabeça, sigo em frente, na esperança de ajudar homens e mulheres a reconstruir sua história.

Salete Valesan Camba

Psicopedagoga, mestre em Educação pela Universidade de São Paulo, diretora de Relações Institucionais do Instituto Paulo Freire.

39. Continuar e reinventar Freire

Quando a *Pedagogia do oprimido*, obra prima de Paulo Freire publicada no emblemático 1968, completa quatro décadas de convencimento mundial em torno das denúncias da opressão, inclusive pela via educacional, e dos anúncios das possibilidades de um homem e de uma mulher renovados pela esperança de se reconstruírem e reinventarem, o mundo encontra na pujança dos escritos de Boaventura de Sousa Santos, por exemplo, alguns complementos necessários para continuar viva e prospectiva. Aliás, a possibilidade concreta de ser complementado e reinventado é uma das características mais atuais do pensamento "pós-moderno progressista" de Paulo Freire (1992) e de toda carga político-pedagógica do legado freiriano. A impossibilidade de um só modelo ou de um só autor abarcar a pluralidade e a complexidade das práticas educativas e das reflexões pedagógicas sempre esteve intrínseca às proposições de Paulo Freire. Por isso mesmo, construiu seu pensamento inspirado em Anísio Teixeira, Vieira Pinto, Hegel, Marx, Gramsci, Goldmann, Lukács, Cabral, Dewey, entre outros. Por isso, também, dedicou parte da sua obra aos livros-dialógicos escritos com Frei Betto, Gadotti e Sérgio Guimarães, Ira Shor, Antonio Faúndez, com os integrantes do Instituto de Ação Cultural (Idac) (Rosiska e Claudius Darcy de Oliveira) etc. No mesmo sentido, muitos dos seus escritos tinham a marca da oralidade à espera da interlocução e do diálogo. Ademais, suas idéias já foram estudadas em conexão com Gramsci, Freinet, Habermas, Piaget, Morin e tantos outros. Essa possibilidade aberta aos complementos e às convergências (no passado criticada equivocadamente justamente por essa característica) demonstra a atualidade e a visão prospectiva do seu pensamento-ação e nos ajuda a repensar a *Pedagogia do oprimido*, 40 anos depois, não como um livro isolado e, sim, enquanto parte de uma grande obra sequiosa de dialogicidade e reinvenções.



Afonso Celso Scocuglia

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pós-doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Lyon (França).

40. O livro que não terminou

Pedagogia do oprimido, muito mais que um livro datado, é um projeto utópico, por isso, inacabado e contínuo, coerente com a compreensão de existência do educador. Por essa razão, alguns de seus mais conhecidos estudiosos, entre eles, Celso Beisiegel, afirmam que todos os outros livros de Paulo Freire foram, em grande medida, uma retomada de *Pedagogia do oprimido*, pois ali se aninham, em potência, todos os seus escritos. Quem não encontraria, numa leitura atenta desse clássico, além da *Pedagogia da esperança*, que ele próprio afirma ser “um reencontro com a *Pedagogia do oprimido*”, *Política e educação*, *Pedagogia da autonomia*, entre outras de sua extensa produção?

Há outro aspecto curioso nesse livro. *Pedagogia do oprimido* não resulta de leituras de obras pedagógicas, propriamente. Sua composição é tributária da antropologia, geografia, literatura, teatro, filosofia, semiótica, psicologia, psicanálise, sociologia, história, para citar algumas. Aos conhecimentos sistematizados, Paulo Freire incorporou inúmeros saberes de experiências de diferentes matizes culturais. Tais conexões existenciais, éticas e epistemológicas explicam, em certa medida, a complexidade e a universalidade do pensamento e da vida do educador pernambucano.

Inconclusão, inacabamento e incompletude, palavras que substituíam o conceito de ser humano em Paulo Freire, aplicam-se também à sua obra, seja ela entendida como o clássico livro por meio do qual tornou conhecida a sua pedagogia, seja definida como o conjunto de seus escritos. De fato, ao reafirmar tantas vezes que não desejava imitadores, mas reinventores de seu legado, Paulo Freire revelava a coerência com a dialética que aplicava tanto à sua prática pedagógica quanto aos seus textos que sempre retomava e, muitas vezes, revia. Foi por conta dessa coerência que ele não hesitou em fazer significativas alterações na revisão que empreendeu à 15ª edição de *Pedagogia do oprimido*, provavelmente, entre 1991 e 1992, momento em que escreveu *Pedagogia da esperança*.

Jason Mafra

Coordenador da Unifreire e de projetos do Instituto Paulo Freire, graduado em História, mestre e doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo.



as páginas, algo p
remanesça; na
fé nos homens
do um pul seja

Pauco

40 anos da *Pedagogia do oprimido*

"Primavera de 68", escreveu Paulo Freire abaixo de sua assinatura, nos manuscritos do seu livro mais conhecido. A *Pedagogia do oprimido* é um marco na história do pensamento pedagógico mundial. Como livro síntese da concepção libertadora da educação, ele desvenda as artimanhas da pedagogia do colonizador e coloca um poderoso instrumento de luta nas mãos dos oprimidos, dos que com eles são solidários e dos que com eles lutam.

Paulo Freire nos deixou como legado uma filosofia, uma teoria do conhecimento e um método de ensino e de pesquisa ancorados numa antropologia, imprescindíveis na formação do educador e da educadora. Ele demonstrou a importância da educação na formação do povo sujeito e soberano.

Instituto Paulo Freire
Primavera de 2008

Ed,L

Editora e Livraria
Instituto
Paulo Freire

